



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

BÁRBARA CONCEIÇÃO VASCONCELOS

SOBRENOME CONCEIÇÃO:

Processo de realização de um filme-ensaio

CARUARU

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

RELATÓRIO CIENTÍFICO

SOBRENOME CONCEIÇÃO:

Processo de realização de um filme-ensaio

BÁRBARA CONCEIÇÃO VASCONCELOS¹

CARUARU

2024

¹ Graduanda em Comunicação Social, pela Universidade Federal de Pernambuco – CAA – Núcleo de Comunicação e Design. E-mail: barbara.conceicao@ufpe.br

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Vasconcelos, Bárbara Conceição.

Sobrenome Conceição: Processo de realização de um filme-ensaio / Bárbara
Conceição Vasconcelos. - Caruaru, 2024.

41 : il.

Orientador(a): Amanda Mansur Custódio Nogueira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Comunicação Social, 2024.

Inclui referências.

1. Cinema . 2. Documentário. 3. Entrevista. 4. Levantamento de dados. 5.
Abandono paterno. I. Custódio Nogueira, Amanda Mansur . (Orientação). II.
Título.

070 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Minha mãe, Célia Maria da Conceição, por ser uma mulher forte e resistente, sem me fazer perder o encanto pelo bom e pelo justo. Minha irmã, Roberta Raquel da Conceição, com quem aprendi sobre ressignificar. Minhas tias, Selma Maria da Conceição e Telma Maria da Conceição, que foram e são meu caminho, agora e sempre. Minha prima Vitória Gabriela da Conceição Pereira, a mais nova de nós, o lugar onde podemos começar a fazer diferente. Minha avó, Odete Maria da Conceição, desde 1937 sendo a nossa estrada aberta. A todas aquelas que vieram antes de nós.

RESUMO

Sete mulheres pernambucanas são o centro de um debate que ocupa milhões de casas no Brasil: a ausência de sobrenomes dos pais nos registros de nascimento, bem como o abandono. A partir das suas histórias, o documentário Sobrenome Conceição, apresenta dados e depoimentos que levam o público a compreender sobre as consequências desses abandonos e busca ser instrumento de visibilidade sobre o tema. Com força, emoção e política, Sobrenome Conceição é um filme sobre mulheres lutando juntas, crescendo e se transformando, tomando consciência sobre existir e resistir.

Palavras-chave: documentário; filme-ensaio; sobrenome; abandono.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Painel registral – Pais ausentes..... | 12 |
| Figura 2 – Violência contra pessoas negras..... | 13 |
| Figura 3 – Primeira pesquisa fotográfica – Bárbara Conceição..... | 20 |
| Figura 4 – Telma Maria da Conceição com seu filho R..... | 23 |
| Figura 5 – Fotografias da primeira diária de gravação em 2018..... | 24 |
| Figura 6 – Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Odete... | 24 |
| Figura 7 – Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Selma.. | 25 |
| Figura 8 – Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Vitória... | 25 |
| Figura 9 – Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Telma... | 26 |
| Figura 10 – Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Roberta | 26 |
| Figura 11 – Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Célia.... | 27 |
| Figura 12 – Print do primeiro passo para a pesquisa..... | 28 |
| Figura 13 – Gravações em 2024..... | 35 |
| Figura 14 – Entrevistando a vereadora Elaine Cristina..... | 36 |
| Figura 15 – Entrevistando a vereadora Elaine Cristina..... | 36 |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 | OBJETIVOS..... | 9 |
| 2.1 | OBJETIVO GERAL..... | 9 |
| 2.2 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 9 |
| 3 | JUSTIFICATIVA..... | 10 |
| 4 | REFERENCIAL TEÓRICO..... | 11 |
| 4.1 | DADOS..... | 11 |
| 4.2 | DOCUMENTÁRIO..... | 14 |
| 4.2.1 | Ética..... | 16 |
| 4.3 | ENTREVISTA..... | 16 |
| 4.4 | FILMOGRAFIA..... | 18 |
| 4.4.1 | Elena e Eu..... | 18 |
| 4.4.2 | 33 (Kiko Goifman) e Bárbara Conceição..... | 19 |
| 4.4.3 | As fotografias da casa de Dona Arlinda: madeira de lei e sobrenome Conceição..... | 20 |
| 5 | METODOLOGIA..... | 21 |
| 5.1 | ELABORAÇÃO DAS PERGUNTAS BASE PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS..... | 22 |
| 6 | FOTOGRAFIAS: RETRATOS, PESQUISA E BASTIDORES | 24 |
| 7 | O DEBATE CENTRAL — COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI: UM MOMENTO PARA FAZER PERGUNTAS..... | 28 |

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 8 | A IMPORTÂNCIA DE UM FILME FEITO POR NÓS — EU SOU UMA CONCEIÇÃO E EU NÃO VOU PASSAR POR ISSO: O QUE NOS MOTIVA A APRESENTAR ESSA HISTÓRIA..... | 30 |
| 9 | O PROCESSO REENCONTRO: DIFICULDADES NO CAMINHO NA DOCUMENTAÇÃO DE VIDAS ACONTECENDO..... | 31 |
| 9.1 | ARGUMENTO..... | 32 |
| 9.2 | EQUIPAMENTOS UTILIZADOS..... | 33 |
| 9.3 | GRAVAÇÕES..... | 34 |
| 9.3.1 | Incluindo homens no debate..... | 36 |
| 9.4 | MONTAGEM / PRODUÇÃO..... | 37 |
| 9.5 | DESIGN..... | 37 |
| 10 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 38 |
| | REFERÊNCIAS..... | 39 |

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Portal da Transparência, que identifica a quantidade de pessoas registradas com pai ausente na certidão de nascimento, em Recife, apenas entre janeiro e setembro de 2024, 11.087 pessoas foram registradas sem o sobrenome dos seus pais. Em Pernambuco, de 2016 até 2024, são quase 60 mil pessoas.

Além disso, segundo dados do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, “mais de 11 milhões de mães que criam seus filhos sozinhas no Brasil. Número de mães solo cresceu 17,8% na última década”.

Dona Odete Maria da Conceição, nascida em 1937, não tem nome paterno no seu registro de nascimento. Suas filhas também não foram registradas por seus pais. Célia Maria da Conceição, Selma Maria da Conceição e Telma Maria da Conceição. A filha mais velha de Célia, Roberta Raquel da Conceição, também não. Bárbara Conceição Vasconcelos e Vitória Gabriela da Conceição Pereira, foram. O que liga todas elas é a ausência paterna. Mesmo entre as registradas.

O documentário em curta-metragem, Sobrenome Conceição, a partir de depoimentos de 6 mulheres, pretende fomentar o debate sobre a ausência dos sobrenomes paternos em registros de nascimento, bem como a ausência da própria paternidade, com questões formuladas de maneira a compreender como essas mulheres sentiram isso nos seus dias e como conseguiram, juntas, se carregar até aqui, em entrevistas realizadas a partir da perspectiva de uma Conceição.

Sobrenome Conceição pretende dialogar, através da sua ampla divulgação, sobre as consequências desses abandonos, que não são apenas números. Usando ferramentas de produção audiovisual, além de técnicas de entrevista e reportagem, o filme apresenta também o que chamamos de depoimento de autoridade, a partir da vereadora autora da lei de conscientização do abandono paterno em Recife, Elaine Cristina. Na perspectiva de compreender como isso afeta de forma direta todas as pessoas, entrevistas foram realizadas com homens, que contam sobre como esses abandonos refletiram nas suas vidas e conseqüentemente, nas decisões sobre criarem seus próprios filhos.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Realizar um filme de curta-metragem do gênero documentário com o intuito de fortalecer o debate sobre o abandono paterno, sobre a ausência de sobrenomes em registros de nascimento, bem como a ausência de cuidados e afeto.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Coletar dados sobre a ausência de sobrenomes paternos em registros de nascimento e abandono, em Pernambuco e no Brasil;
- Realizar a revisão de literatura sobre documentário, técnicas de entrevista e reportagem;
- Gravar depoimentos com personagens;
- Roteirizar, produzir, editar e finalizar um filme de curta-metragem;
- Descrever o processo de realização do filme.

3 JUSTIFICATIVA

De acordo com os dados da Arpen-Brasil (Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais) e obtidos a partir do Portal da Transparência do Registro Civil, na página de Pais Ausentes, entre janeiro e abril deste ano, 60.295 crianças não receberam o nome do pai em seus registros de nascimento. Esse número equivale a 6,8% do total de 874.166 nascimentos contabilizados pelos cartórios neste período².

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Getúlio Vargas e publicada em abril de 2023 pela EBC, “O número de mães solo, aquelas que cuidam sozinhas de seus filhos, aumentou 17% na última década, passando de 9,6 milhões em 2012 para mais de 11 milhões em 2022”.

Diante desses dados e de vivências diárias, tanto da família quanto do entorno, o documentário Sobrenome Conceição pretende apresentar a história de 7 mulheres, todas registradas com o nome Conceição, sendo 5 delas sem os sobrenomes paternos em seus registros e muitos questionamentos sobre presença, responsabilidade e cuidado. Célia, Selma, Telma, Roberta, Bárbara e Vitória, vão contar não apenas as histórias dos seus nomes, mas o que esses nomes representam e de que forma elas se entenderam quanto *uma força*.

O Documentário participativo, gravado em plano americano, com duração prevista de 20 minutos, conta com seis entrevistas. As perguntas foram formuladas previamente, mas tanto as entrevistadas quanto a entrevistadora, que também é personagem, estabeleceram um diálogo franco, com pausas e acolhimentos.

Este trabalho pretende se aproximar da comunidade, abrindo ainda mais espaço para um debate tão importante no que se refere ao fortalecimento dessas mulheres que carregam consigo absolutamente toda a responsabilidade afetiva e financeira de seus filhos e filhas. Pretendemos ser uma ponte que aproxime a sociedade de caminhos que nos ajudem tanto na conscientização, quanto na construção de políticas públicas que garantam direito não apenas às crianças, mas às mulheres mães.

² Dados de 2024 sobre pais ausentes pela Arpen Brasil. Disponível em: <https://arpenbrasil.org.br/>.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Pode parecer que eu to falando de metodologia, mas eu to falando de amor.
Kleber Mendonça, em Retratos Fantasmas (2023).

- Dados
- Documentário
- Ética
- Entrevista
- Filmografia

4.1 DADOS

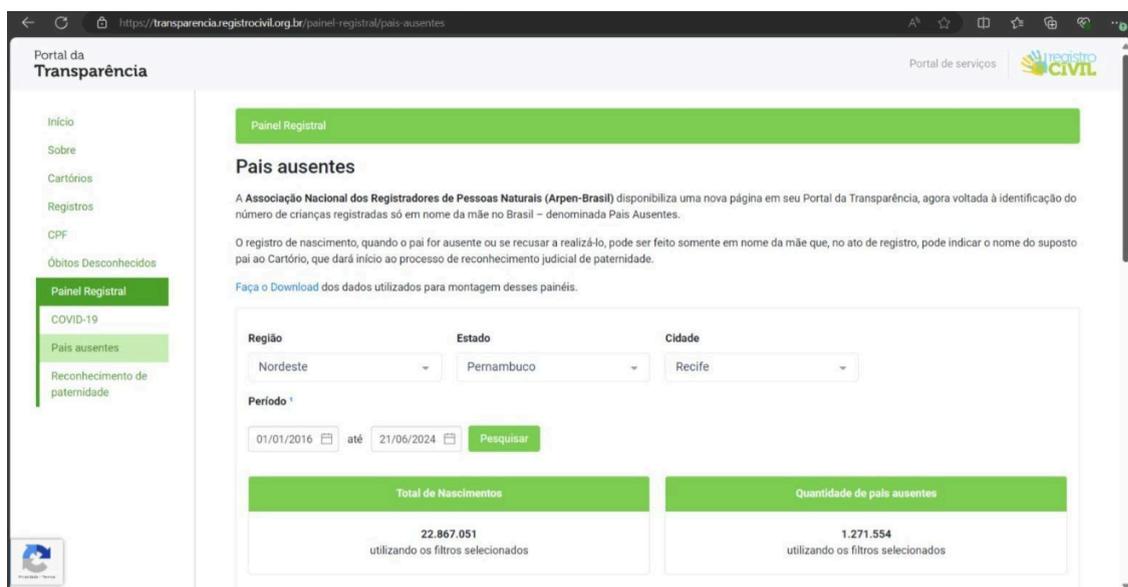
Três casas, sete mulheres, um nome em comum. Conceição. Para cinco delas, sobrenome. Uma história vivida coletivamente, dentro de um contexto social único, alguns pontos em comum, algumas grandes diferenças e um debate político atual.

De acordo com dados da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil) obtidos por meio do Portal da Transparência do Registro Civil³, “Em 2023, dos 2,5 milhões nascidos no Brasil, 172,2 mil deles têm pais ausentes — quantidade 5% maior do que o registrado em 2022, de 162,8 mil”. Em Recife, cidade território onde se fizeram, Odete Maria da Conceição, Célia Maria Vasconcelos, Selma Maria da Conceição, Telma Maria da Conceição, Roberta Raquel da Conceição, Bárbara Conceição Vasconcelos e Vitória Gabriela da Conceição Pereira, de acordo com o Portal da Transparência (em anexo), só no primeiro semestre de 2024, 10.805 crianças foram registradas com pai ausente (Portal da Transparência). Entre 1 de janeiro de 2016 e 20 de maio de 2024, 1.271.554 pessoas foram registradas com pai ausente na certidão de nascimento.

O levantamento da Fundação Getúlio Vargas, mostra também que 90% das mulheres que se tornaram mães solo entre 2012 e 2022 são negras.

³ Portal da Transparência do Registro Civil. Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/inicio>.

Figura 1 — Painel registral - Pais ausentes



Fonte: Portal da Transparência (2024).

Além dos números de pessoas sem registros de nascimento, o número de mães solo no Brasil segue crescendo, ano após ano.⁴

Pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, mostra que o Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas. Na última década, o país ganhou 1,7 milhão de mães com a responsabilidade de criarem os filhos sem a ajuda do pai. O levantamento mostra também que 90% das mulheres que se tornaram mães solo entre 2012 e 2022 são negras. Quase 15% dos lares brasileiros são chefiados por mães solo. A proporção é maior nas regiões Norte e Nordeste. A maioria, 72,4%, vive só com os filhos e não conta com uma rede de apoio próxima. (G1, 2023).

Odete, Selma, Roberta e Telma, criaram e criam seus filhos e filhas, com pouca ou nenhuma ajuda dos pais. Além das decisões tomadas por homens, a violência é fator decisivo, não apenas entre nós. Cinco anos atrás, 2019, quando este trabalho teve a sua primeira gravação realizada, Telma passou a ser uma mãe solo. O pai do seu filho, na época com sete meses e atualmente com 5 anos, que terá seu nome preservado, tinha sido assassinado na esquina de casa, comunidade do Ninho das Cobras. O pai de R. era um homem negro retinto, assim como meu tio,

⁴ Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas por Bom Dia Brasil - G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/05/12/brasil-tem-mais-de-11-milhoes-de-maes-que-criam-os-filhos-sozinhas.ghtml>.

S., assassinado exatamente no mesmo lugar, duas décadas antes. Este não é um dado exato sobre nosso tema, mas acho importante considerá-lo como fator de destaque no que se refere à mulheres criando seus filhos sozinhas, dadas as estatísticas de violência contra homens negros⁵.

Historicamente, o assassinato de homens e mulheres negras lidera os rankings de homicídios no Brasil. A violência cotidiana que atinge a todos os brasileiros explica apenas uma parte da situação, enquanto o racismo, como elemento estruturante e presente em todos os aspectos da sociedade brasileira, agravando no aumento da miséria e do desemprego, impactam o cenário de mortes dessa população. (IPEA, 2021).

Segue gráfico disponibilizado pelo IPEA com dados sobre a violência contra pessoas negras:

Figura 2 — Violência contra pessoas negras



Fonte: IPEA (2023).

Durante as gravações, Telma relata o assassinato do companheiro, mas decidi eticamente, considerando a possibilidade de alcance deste filme e a preservação da infância de seu filho, meu primo, não incluir a cena,

⁵ Assassinatos caem 3,4% no primeiro semestre de 2023 no Brasil por Monitor da Violência - G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/08/17/monitor-da-violencia-assassinatos-caem-34percent-no-primeiro-semester-de-2023-no-brasil.ghtml>.

A observação apresentava a possibilidade e mais, a necessidade de contar essa história para mais pessoas e não apenas pelo urgente enfrentamento ao abandono paterno, mas para que elas, as Conceição pudessem se rever quanto mulheres que não estão sozinhas, mas que carregam consigo o poder de atuar diretamente no retrato desse Brasil sentido dentro de tantas casas. E como contar?

4.2 DOCUMENTÁRIO

Sete mulheres pobres, com o mesmo nome e histórias parecidas que versavam sobre abandono, mas também sobre muita força, era o roteiro de um filme, mas não uma ficção. Em Introdução ao Documentário, Bill Nichols diz que “todo filme é um documentário” Entretanto, ele faz uma distinção entre dois tipos de filme: documentário de satisfação do desejo e documentário de representação social.

Os documentários de representação social são os que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível, aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria do que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e organização realizadas pelo cineasta. (...) Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. (NICHOLS, 2010, p. 26 e 27).

Apresentando dados, entrevistas e depoimentos sobre ausência de sobrenomes paternos em registros de nascimento, abandono paterno e violência contra homens em Pernambuco, o filme trata sobre a realidade diária de diversas casas e espelha a história cotidiana de muitas mulheres, em um cenário real, com falas verdadeiras, baseadas não só em experiências individuais, mas em estatísticas.

Sobrenome Conceição não é um filme sobre uma história nova, dado o fato de que o crescente número de mães solo e mulheres chefiando lares, fomenta debates e produções audiovisuais. Entretanto, trata-se de uma perspectiva de dentro da realidade de quem a apresenta, considerando que a diretora e roteirista do documentário, é também personagem.

Talvez saibamos alguma coisa sobre cirurgia plástica e os debates que cercam os esforços para recuperar a juventude perdida por esse meio, mas Dayse: The Story of a facelift (1982), de Michael Rubbo, acrescenta àquilo que sabemos a visão pessoal do cineasta. (*Ibidem*, p 28).

Uma grande preocupação com a gravação deste filme, era (e talvez ainda) seja um pouco, sobre o ego carregado em contar a minha história, como se ela fosse muito importante. Como se eu me destacasse no meio de tanta gente, com a mesma história. Precisava fazer sentido pra mais pessoas e não apenas saciar a minha vontade de contar essa história. Andrés di Tella fala um pouco sobre isso, no Capítulo 'o Documentário e Eu', em O Cinema do Real - Maria Dora Mourão e Amir Labaki.

Também não recordo qual cineasta norte-americana, dizia que o documentário pessoal, pra ter legitimidade e não ser uma simples expressão narcisista, deveria representar uma espécie de coming out do documentarista (...). Ou seja, não deve ser um evento gratuito para a pessoa do cineasta: deve implicar algum risco. (2005, p. 71).

O risco que eu assumi (e que ainda vai me acompanhar por um tempo. É o de ter retratado essas mulheres de uma forma que as desrespeite. Talvez seja um risco de contar uma história que não é só sua.

Andreas fala também, citando Robert Flaherty, de um “documentário encenado”, onde o documentarista pede aos personagens que repitam suas falas e até ações não existentes, que validassem de alguma forma aquela história. Em Sobrenome Conceição, considero impossível uma construção do irreal. É evidente que diante da câmera, como também aponta Andreas, “filmar alguém é caminhar sobre um chão escorregadio, onde a presença da câmera pode suscitar certa falsidade no comportamento” (p. 73).

Entretanto, sendo membro desta família, pude contar com o privilégio de entrevistar as personagens sobre assuntos já conhecidos e mesmo que houvessem (e houvessem) respostas que eu não conhecia, nada era falso ou encenado. Existe sim, uma mudança postural e de certa forma, um linguajar diferente de quando falamos sobre os mesmos assuntos durante o almoço, mas meu lugar quanto membro, me garantiu a certeza de estar coletando as informações sem disfarces.

4.2.1 Ética

Foi entrevistando minha tia mais nova, Telma Maria da Conceição, que atravessei minha primeira questão ética na realização deste trabalho. Em 2018, na primeira gravação/coleta de depoimentos, o pai de R., filho de Telma, tinha sido assassinado. Uma das perguntas planejadas, antes do crime, importante dizer, era sobre como ela se sentia tendo seu filho registrado pelo pai. Diante da pergunta, com o filho de 7 meses no colo, ela começou a chorar e eu imediatamente desliguei a câmera. Aquela não seria uma cena sobre a minha tia.

Tratando sobre ética, Bill Nichols afirma que “a ética existe para regular a conduta dos grupos nos assuntos em que regras inflexíveis, ou leis, não bastam” (p. 35). Aquele era de fato um recorte importante para a história que queremos contar, mas naquele lugar eu não era apenas cineasta. Eu era sobrinha.

Bill Nichols, ainda sobre ética, apresenta algumas questões, todas elas versando sobre o nível de informação dada ao seu personagem, sobre as possíveis implicações da participação das pessoas em determinados documentários. Neste caso, decidi sozinha, pensando no melhor para ela e não para o filme e ainda assim, considerando as particularidades e individualidades da humanidade, imprevistos e interpretações não desejadas, são um risco. Tentei, da melhor forma possível, diminuir esse.

As considerações éticas tentam minimizar os efeitos prejudiciais. A ética torna-se uma medida de como as negociações sobre a natureza da relação entre cineasta e o seu tema, têm consequências tanto para aqueles que estão representando no filme, quanto para seus espectadores. (NICHOLS, 2010, p. 36).

4.3 ENTREVISTA

O documentário Sobrenome Conceição é apresentado ao público através de depoimentos, esses, coletados em entrevistas, não realizadas previamente, com câmera desligada. Ou seja, sem ensaios ou acordos sobre o que seria dito. Nós queríamos contar as nossas histórias e eu fui a condutora desse processo e

participante dele, considerando que também fui personagem, invertendo com as Conceição, o lugar entre entrevistadora e entrevistada.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano. (MEDINA, 2002, p. 8).

Era pra mim, quanto diretora e roteirista, o fato de ser também família, considerando que esse fator poderia atrapalhar a condução das perguntas. Entretanto, essa era na verdade minha maior ferramenta de aproximação.

Em "ENTREVISTA, O Diálogo Possível", de Cremilda de Araújo Medina (1986), a autora trata sobre a entrevista sozinha, "não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica". Só elaborar um questionário não me levaria às respostas necessárias para a realização deste trabalho, bem como elas não responderiam a técnicas. "Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discute-se a técnica da entrevista. Se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo" (p. 5).

Um dia um amigo me disse que era impossível conversar comigo sem revelar um segredo. Ele se referia ao fato de eu conduzir nossas conversas de maneira tão próxima, que tudo ali era dito. Já ouvi também que quando eu sorrio, me contam tudo. Usei em defesa do meu filme, lembrando de Stela Guedes Caputo, que afirma: "Se for considerada apenas uma técnica eficiente para obter respostas pré-pautadas por um questionário, a entrevista não promoverá a comunicação entre pessoas".

Das técnicas, elaborei as perguntas, fiz anotações possíveis e gravei tudo sem cortes, para selecionar o material depois. Da humanidade, mantive meus ouvidos e olhos atentos não apenas ao que elas diziam com suas bocas, mas aos objetos no entorno, onde escolheram sentar, seu tom de voz, sua confiança ao me responder, a roupa que decidiram usar, como posaram para as fotografias que fiz na "polaroid". Dessas coisas que não existe muita previsão, mas que aprendi a estar atenta. Obrigada, Fabiana Moraes.

4.4 FILMOGRAFIA

4.4.1 Elena e eu

A principal motivação para a realização deste documentário, era, inicialmente, uma despedida. Eu não era mais Bárbara Vasconcelos e estava em um processo bonito de deixar que ela fosse embora, pra que a Bárbara Conceição pudesse entrar. Assistindo ao filme Elena (2012), da diretora Petra Costa, me aproximei da noção de partida que queria deixar dita em Sobrenome Conceição. Um processo que começa, a partir da exibição, a se encerrar, pelo menos como ele era.

Petra, na perspectiva de apresentar ao público a história da sua irmã, apresenta elementos que contam uma história. No caso, vídeos caseiros produzidos pela família ao longo dos anos e pela própria Elena. Esses vídeos marcam a passagem do tempo, bem como apresentam ao público, informações sobre a personagem do centro da trama, que nos fazem entender sobre os acontecimentos. Em Sobrenome Conceição, faço uso semelhante de imagens de arquivos pessoais das personagens, apresentando fotografias. Uma das características principais entre as que ligam todas elas, são os porta-retratos e álbuns vistos pelas casas, exibidos com orgulho. Contam histórias. Como Petra.

Aqui, destaco uma diferença que considero significativa no processo. Diferente das famílias de Petra e de tantas outras cineastas, que sim, são referência para a construção de narrativas importantes para o cinema, a Família Conceição não possui grande acervo sobre a sua história. Minha mãe era diarista, minha vó vendia munguzá no CEASA e minha primeira câmera foi comprada quando eu tinha 27 anos. Contar a história não coletiva de pessoas pobres, passa também pela ausência de história. Ela não era contada. Estamos aqui para tratar também disso.

Questões delicadas são trazidas à tona por Petra, que entrevista a sua mãe sobre o suicídio da irmã, elena, aos 20 anos, em Nova York. Tentei contato com a cineasta, com o objetivo de entender esse processo e como ela conduziu isso, até agora, sem sucesso.

4.4.2. 33 (Kiko Goifman) e Bárbara Conceição

O que me aproxima de 33 é a busca pelo passado familiar. Kiko busca sua mãe biológica na perspectiva de compreender o seu passado. Sobrenome Conceição começa a ser pensado, sob a ótica de jogar luz nesse passado, tão presente nos nossos dias, mas tão oculto entre nós mesmas.

Diferente de Kiko que usou a mídia para ajudar na sua busca, publicando em jornais e sendo procurado sobre o paradeiro da sua mãe biológica, usei a imprensa como primeiro canal de informação que deu base ao levantamento de dados. Trago aqui a importância do jornalismo sério e ético nesse sentido.

Tendo a esposa como principal auxiliar em seu trabalho de busca, Kiko insere a família na busca pela família, assim como as Conceição foram minha equipe de produção, não apenas dando seus depoimentos, mas contando histórias do passado, mostrando arquivos fotográficos e fazendo levantamento de materiais que usamos para montagem, como fotos, vídeos e áudios de minha vó, Odete Maria da Conceição, falecida em julho de 2023.

Logo no começo das entrevistas, Kiko fala que sentia que o dia em que entrevistaria sua mãe, seria o mais tenso. “Não errei. Me sentia uma canalha”. Eu me senti igual, por duas vezes, entrevistando a mesma personagem, minha tia, Telma Maria da Conceição. Como já antes mencionado, Telma teve o companheiro assassinado. Quando gravamos pela primeira vez, em dezembro de 2018, R. tinha 7 meses e o crime era recente. A pergunta planejada era: como foi, como pessoa não registrada pelo pai, ter seu filho registrado? Doeu em 2018, doeu em 2024. “O fato é que a sinceridade que eu oferecia, machucava”. Eu fiquei anos pensando na necessidade dessa pergunta. Ela existe e foi mantida para defender um ponto. A manteve.

Todos os dias de gravação de depoimentos, começaram com descontração. Como família, existia a liberdade de rir de bobagens antes de falar de coisa séria. Em 33, Kiko diz que “a estratégia era falar de amenidades, até conseguir alguma coisa”. Demos muito gargalhada antes de choramos ou de rirmos mais um pouco. Todos os depoimentos foram gravados enquanto tomávamos café.

Kiko usa enquadramentos diferentes, mas sempre com câmera parada para as entrevistas, feitas todas em uma câmera só, sem imagens de apoio.

4.4.3. As fotografias da casa de Dona Arlinda: madeira de lei e sobrenome Conceição

“Viver naquele mundo, era como se fosse uma novela de época. Era uma casa que tinha uma atmosfera de um outro tempo”, diz Karol, no seu filme *Madeira de Lei*, sobre a realidade de empregadas domésticas, COVID-19 e sua família. Karol se refere às fotografias pela casa, à penteadeira, às lembranças.

As Conceição, todas elas, têm uma relação muito afetiva com a fotografia. É das coisas que você ó sabe observando. Ainda em 2018, quando gravei pela primeira vez os depoimentos delas, realizamos momentos de revisitar fotografias e fomos felizes nisso. Mas só em 2024, na montagem final, eu entendi que a fotografia era um elo que contava as nossas histórias, como contam as histórias de Karol e sua família.

Fazer a abertura de *Sobrenome Conceição*, usando as fotografias, foi uma decisão não apenas estética, mas necessária para falar de quem já fomos e além disso, apresentar ao público um sentimento: sempre estivemos juntas e participamos da vida uma das outras, mesmo com vidas diferentes. Seguimos assim.

Figura 3 — Primeira pesquisa fotográfica – Bárbara Conceição



Bárbara Conceição, durante as gravações em 2018.
Fonte: Conceição (2018).

5 METODOLOGIA

Para dar início ao processo que resultou no documentário *Sobrenome Conceição*, comecei pela coleta de dados, tanto na Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil), quanto do Portal da Transparência do Registro Civil, que apresentassem os números sobre ausência de sobrenomes paternos nos registros de nascimento. Além desses, também foram levantados dados sobre mães-solo e violência contra homens negros no Brasil, pois servem à argumentação deste trabalho, considerando que a ausência paterna no Brasil não se dá apenas pelo abandono.

Após o levantamento desses dados, a pesquisa que norteia o referencial teórico, foi para a literatura, no que se refere ao documentário e suas nuances, técnicas de entrevista e reportagem, além da filmografia, que orientou etapas como escolha de formato para os depoimentos.

As gravações foram marcadas em bloco, considerando a logística de mobilidade, pois as personagens moram próximas umas às outras. Com a ausência de orçamento para a realização deste filme, que resultou em falta de equipe para a execução, além de recursos limitados para a captação, as personagens e demais membros da família, acabaram por exercer funções nas gravações, como auxiliar de câmera, fotógrafo e apoio geral.

Em seguida, com os depoimentos das personagens gravados e dados coletados, realizei a gravação do depoimento de autoridade, com a vereadora Elaine Cristina (PSOL), autora do Projeto de Lei sobre abandono paterno. Neste dia também, com o objetivo de coletar depoimentos das pessoas no centro de Recife, fui às ruas com um cartaz com os dizeres: teu pai te abandonou? Quero conversar contigo. Não houve participação do público na rua. As pessoas que pararam pra conversar, não queriam ter a sua imagem divulgada. Respeitamos.

Com uma visibilidade nas redes sociais, alguns homens me escreveram, demonstrando interesse em contar duas histórias, como crianças abandonadas por seus pais. Foi assim que tomei a decisão de incluir homens neste debate.

Após a finalização das gravações, incluindo vídeos de apoio, com momentos descontraídos, passei para o envio dos arquivos ao montador responsável, com pastas separadas por personagem, dia e evento, além de uma pasta com todos os

áudios gravados separadamente. Com todo o material disponível, realizei a decupagem por cena.

Na decupagem, segui a ideia original de começar o documentário apresentando dados e em seguida os depoimentos. As orientações para a montagem estão nos anexos finais deste relatório. Ao mesmo tempo em que realizada a decupagem das cenas, iniciei a escrita do presente relatório, além de encaminhar com a designer responsável, o design do filme.

A montagem foi feita considerando uma virada de chave. Primeiro, apresento os dados e informo ao público sobre o que vamos falar. Em seguida, as falas iniciais da Conceição, seguida de depoimentos externos. A cena dos encontros e festas, marca o que chamo de 'orgulho de ser Conceição'. A partir daí, às falas são sobre vitórias e crescimento.

5.1 ELABORAÇÃO DAS PERGUNTAS BASE PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Para começar a estruturar as gravações, trabalhei na elaboração das perguntas que seriam base de todas as entrevistas. Queria que as perguntas se repetissem para que fosse possível fazer uma análise das similaridades e diferenças entre as respostas delas. Esse processo foi pensado com muito cuidado, pois já conhecia algumas histórias e tinha alguma, não total, compreensão de questões que poderiam machucar e mesmo querendo muito contar essa história, nada valeria a grande exposição das mulheres que me construíram. As perguntas base para as 6 entrevistas foram:

- Qual o seu nome?
- Você gosta do seu nome?
- Quem lhe deu o seu nome?
- Fez diferença na sua vida não ter o nome do seu pai no seu registro de nascimento?
- Fez diferença na sua vida não ter a presença do seu pai na sua vida?

É importante destacar que à medida que as conversas foram acontecendo, as perguntas mudaram de ordem ou foram apresentadas para a entrevistada, de modo a aproximá-la do conteúdo.

Houve uma decisão de manter ou não as perguntas elaboradas previamente diante dos acontecimentos anteriores ao início das gravações. Telma Maria da Conceição, filha mais nova de Dona Odete, tinha perdido seu companheiro, pai do seu filho que aqui preservaremos o nome, cerca de um mês antes do início das gravações. A criança tinha àquela altura, sete meses e ela deu a entrevista com ele no colo. Uma das perguntas para as mulheres mães entre as Conceição, era: **pra você foi importante que seu filho tenha sido registrado pelo pai?**

Pensei muito sobre manter ou não essa pergunta para Telma, porque sabia que mexeria em lugares ainda muito doloridos para Telma. O companheiro havia sido assassinado, exatamente no mesmo lugar que o irmão dela, meu tio, 20 anos atrás. Lembro de estar na Universidade quando recebi o telefonema e de sair correndo pra Recife, pra acolher a minha mãe, Célia Maria da Conceição.

Mantive a pergunta. Considerei que esse momento, que faz parte da vida de tantas mulheres no Brasil, principalmente das moradoras de periferias e negras, é parte dessa história e precisa ser contada. Essa explicação não está no vídeo.

Figura 4 — Telma Maria da Conceição com seu filho R.



Fonte: Conceição (2018).

6 FOTOGRAFIAS: RETRATOS, PESQUISA E BASTIDORES

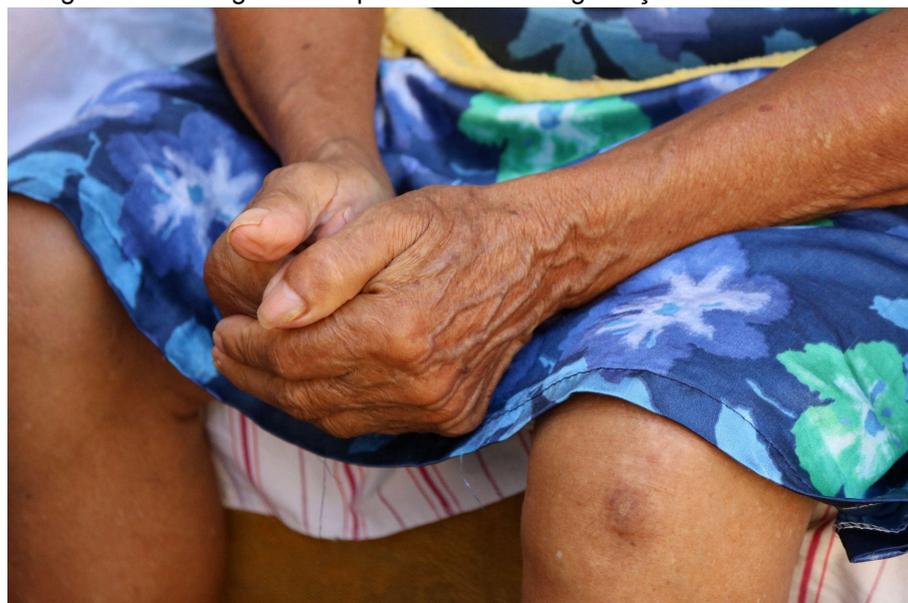
As fotografias foram produzidas nos dias de gravações, realizadas em dois dias diferentes, nos bairros Mustardinha e Várzea (Ninho das Cobras), durante a primeira gravação, realizada ao final de 2018, dezembro. Essas gravações foram perdidas durante um roubo, sofrido pela roteirista e diretora, Bárbara Conceição.

Figura 5 — Fotografias da primeira diária de gravação em 2018



Fonte: Conceição (2018).

Figura 6 — Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Odete



Fonte: Conceição (2018).

Figura 7 — Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Selma



Fonte: Conceição (2018).

Figura 8 — Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Vitória



Fonte: Conceição (2018).

Figura 9 — Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Telma



Fonte: Conceição (2018).

Figura 10 — Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Roberta



Fonte: Conceição (2018).

Figura 11 — Fotografias da primeira diária de gravação em 2018 - Célia



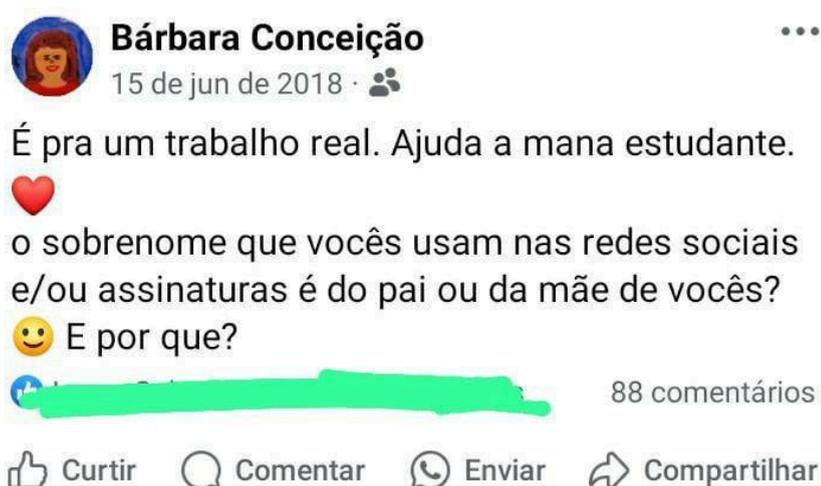
Fonte: Conceição (2018).

7 O DEBATE CENTRAL — COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI: UM MOMENTO PARA FAZER PERGUNTAS

Os feminismos (plurais e diversos), são parte fundamental na questão que move este trabalho. Diante do grande número de abandono paterno, além da ausência de sobrenomes em registros de nascimento, o não pagamento de pensão, a negação da existência dos filhos, o abandono afetivo, por que, mesmo diante desses cenários, continuamos usando os sobrenomes dos nossos pais? Essa é a primeira pergunta que faço antes de chegar ao centro desta produção. Como pessoa com o nome no registro, mas sem o convívio, ausente de relação familiar, por que eu passei a minha vida inteira assinando Bárbara Vasconcelos?

Foi na construção de um trabalho elaborado para uma disciplina de TV EM 2018, que surgiu a ideia de debater sobre isso. Em uma rede social, fiz a pergunta: você usa na sua assinatura o sobrenome do seu pai ou da sua mãe? Essa publicação acabou servindo de base para a gravação do nosso projeto piloto, onde meu colega de turma, Ayrton Hascemberg dialogamos sobre esta construção social e a importância de retomarmos nossas histórias familiares.

Figura 12 — Print do primeiro passo para a pesquisa



Esta é a primeira foto da qual tenho lembrança de nós 7 juntas. Depois dela, todos os nossos encontros passaram a ter um registro semelhante.

Fonte: Print de página pessoal no Facebook.

Em dezembro do mesmo ano, diante da proximidade das comemorações de fim de ano e com a possibilidade de ter todas as mulheres reunidas, comecei a amadurecer sobre a gravação de um material que pudesse me auxiliar a contar essa

história tão forte, tão potente e tão cheia de coragem. Começamos a gravar em 22 de dezembro de 2018 na casa da minha avó, dona Odete, a quem todos chamávamos de mãe.

Esse material ficou guardado por algumas razões. Todas as falas eram e ainda são muito delicadas. Tomar a decisão de dividir elas com mais gente, levou tempo. Foi necessária a compreensão de que era preciso responder uma pergunta para a qual a resposta fizesse sentido: qual a necessidade de contar essa história? A resposta, que pode agora parecer óbvia, não era. A necessidade de contar essa história é política. É sobre as vidas não apenas de 7 mulheres, mas de milhões. Decisão tomada, hora de fazer acontecer.

8 A IMPORTÂNCIA DE UM FILME FEITO POR NÓS — EU SOU UMA CONCEIÇÃO E EU NÃO VOU PASSAR POR ISSO: O QUE NOS MOTIVA A APRESENTAR ESSA HISTÓRIA

Fiz a primeira filmagem de Sobrenome Conceição no Ninho das Cobras, comunidade no bairro da Várzea, Recife. O lugar onde minha avó estava há 40 anos e onde também morei. Quando minha mãe, Célia Maria da Conceição se separou do meu pai, eu tinha 8 anos e nós fomos morar nessa casa. Lembro de ser um espaço muito pequeno e lembro da minha avó, dona Odete, mãe, como chamamos desde que me entendo por gente, cozinhando munguzá no fogo a lenha, com lenço na cabeça e cantando louvores/hinos. No dia seguinte, ainda amanhecendo, ela saía de casa rumo ao CEASA - Centro de Abastecimento e Logística de Pernambuco, empurrando um carrinho de mão para vender esse munguzá. Telma, sua filha mais nova, e Roberta, sua neta mais velha, fizeram esse trajeto muitas vezes.

“Eu só lembro de coisa ruim”. Essa foi a primeira resposta que recebi de Telma quando a entrevistei sobre o CEASA, especificamente. Uma das escolhas feitas com muita consciência sobre este trabalho, foi a de preservar ao máximo estas (minhas) mulheres e considerando este, que aponto como um marcador definitivo para nortear os cortes das cenas que fazem parte da montagem final, para as entrevistas, também fiz questão que elas respondessem sobre o que e como queriam.

Na virada daquele ano, 2018 pra 2019, Roberta (minha irmã) e eu, ficamos em casa para celebrar. Todo mundo dormiu cedo aquele ano e só ficamos nós duas no quintal, falando sobre a vida. Os depoimentos (do que chamarei de primeira tentativa de executar nosso filme), já haviam sido gravados. Digo isso, porque a frase que ouvi naquele dia, me deu real dimensão daquilo que eu me propus a realizar. “Eu sou uma Conceição. Eu não vou passar por isso”. Essa afirmação potente, guiou até hoje, como eu apresentaria essas mulheres. Não era mais sobre fazer perguntas e aguardar respostas. Era sobre a importância de mostrar mulheres incríveis, fazendo outras mulheres incríveis.

9 O PROCESSO REENCONTRO: DIFICULDADES NO CAMINHO NA DOCUMENTAÇÃO DE VIDAS ACONTECENDO

A gravação do primeiro depoimento, foi realizada na Várzea / Ninho das Cobras, em dezembro de 2018. Neste dia 4 personagens falaram. Selma, Telma, Vitória e Odete. Nosso cenário era um sofá com uma manta forrada e a parede de trás descascando, com a tinta caindo. Ravi, filho de Telma, era apenas um bebê. Ela gravou segurando ele nos braços. Foi segurando ele que ela chorou respondendo as perguntas sobre o filho ter o nome do pai no registro. Essa foi a cena em que eu desliguei a câmera. Essa é a passagem de tempo que me fez me perguntar um milhão de vezes depois se eu tinha algum direito de mexer naquela dor. Naquelas dores. Seguimos.

Selma é tímida, muito diferente de Telma e Célia, suas irmãs, minha tia e minha mãe. Foi difícil entrevistar ela. Olhos distantes. É a personagem mais difícil dessa história, do ponto de vista da condução da entrevista. Ela não continuava a conversar depois das respostas. Diferente de Célia, minha mãe. É a personagem que mais falou. Para responder a uma pergunta, contou umas dez outras histórias antes. Minha vó só respondia ao que era perguntada, mas isso já era de se esperar. Dona Odete, mãe, como a chamamos todas, estava então com 80 anos e um diagnóstico de Alzheimer. Vitória e Roberta, minha prima e minha irmã, se encontram pra mim no que eu vou chamar de depoimentos fáceis. Elas estavam tranquilas. Acho que Roberta mais. Gravou com os filhos agarrados nela e aqui eu marco a nossa passagem de tempo. Foi Roberta que em 2023 lamentou termos perdido todo o nosso material gravado. Este momento também não contava com a minha fala. Aqui, eu ainda não sabia como seria e se era personagem desta bonita história. Eu era. Mas não fui entrevistada e não existiam imagens minhas respondendo às perguntas.

Em agosto de 2022 todo o material já gravado foi roubado durante o arrombamento do carro de um amigo. Todos os depoimentos gravados, de Odete, Célia, Selma, Roberta e Vitória, estavam em um HD que nunca foi encontrado. Dez anos de outros trabalhos também foram perdidos naquele dia, mas eu só pensava nesse.

9.1 ARGUMENTO

“Eu não vou passar por isso. Eu sou uma Conceição”. Foi em um 31 de dezembro de 2018, que eu ouvi essa frase, semanas depois de começar a esboçar as gravações de sobrenome Conceição e começo, escrevendo em primeira pessoa como Bárbara Conceição, esse texto argumentativo pelo que seria o fim de um processo, porque acredito no poder que essa construção audiovisual tem exercido sobre as mulheres que somos, quem fomos e quem lutamos pra ser.

O documentário em curta-metragem, **Sobrenome Conceição**, pretende apresentar para a sociedade uma problemática atual e amplamente debatida: a ausência do sobrenome paterno em registros de nascimento no Brasil, tomando como base uma família com sete mulheres, todas Conceição, sendo cinco delas sem o sobrenome do pai. Odete (em memória), Célia, Selma, Roberta, Telma, Bárbara e Vitória, em entrevistas, nos contarão sobre suas infâncias, medos, conquistas e a identificação com o **sobrenome Conceição** como referência de resistência e luta, dentro e fora das suas casas.

Eu, Bárbara Conceição, assinei Vasconcelos por quase toda a minha vida e um dia passei a questionar isso, visto que a família do meu pai em nada se aproxima da pessoa que eu sou, de como eu fui educada, ao propósito que eu sirvo. As mulheres Conceição antes e depois de mim, são a plena justificativa da minha existência, o meu perdão, o meu incentivo, a minha referência. O documentário em curta-metragem **Sobrenome Conceição**, existe antes de tudo, para fortalecer uma escolha: a de valorizar as matriarcas, mulheres pobres forjadas na luta, guerreiras não por escolha, mas por imposição e a negação de homens sobre o reconhecimento dos filhos dessas mulheres.

Estruturado a partir de depoimentos com base em perguntas previamente elaboradas, mas com liberdade para condução proposta pela entrevistadora, o documentário, com duração de 15'50”, apresenta trechos importantes dessas falas, apresentando sempre a preocupação de não expor as mulheres personagens. Além das personagens principais, o documentário apresenta falas de outras pessoas, também sem sobrenome paterno em seus registros de nascimento. As gravações foram realizadas nas casas de Odete, Célia, Telma, Roberta, Selma e Vitória, a partir da perspectiva de Bárbara, a roteirista que escreve este argumento e que é personagem na lógica da narração participativa, na observação continuada de suas

tias, irmã, avó e prima, atravessada por quem elas são e por tudo o que construíram, além de também depor.

Dona Odete, falecida em 7 de julho de 2023, será retratada com depoimentos em áudio, além de gravações caseiras cedidas por todas as outras personagens envolvidas.

As gravações foram realizadas com proximidade entre as datas, considerando que foram feitas dentro das casas e que existe uma proximidade entre as casas. Célia, Roberta e Bárbara moram no mesmo terreno, em uma casa localizada no bairro do Bongí/Mustardinha. Telma, Selma e Vitória, moram em duas casas, uma do lado da outra, no Bairro da Várzea, numa comunidade conhecida por Ninho das Cobras, onde dona Odete chegou há 40 anos e de onde saía a pé pra vender Munguzá na Ceasa, empurrando um carrinho de mão. As gravações dos depoimentos foram realizadas em 5 diárias, sendo duas de depoimentos/entrevistas, uma externa de rua, uma entrevista com autoridade e um evento familiar.

Cena sugerida 1 (Abertura):

Imagens de fotografias impressas, guardadas em álbuns de retrato e porta-retratos, na casa das personagens, contando parte das histórias de vida de cada uma delas. Com áudio em off, apresentamos dados sobre ausência de sobrenomes paternos nos registros de nascimento e abandono paterno, apresentando nominalmente as personagens.

Cena sugerida 2:

Para marcar o momento de transição, após as falas mais duras, quando vamos passar para o que chamarei de momento de orgulho, vamos cenas felizes, passagens de encontros, festas. Após esse trecho, entram os depoimentos respondendo sobre o que é ser uma Conceição.

O áudio original dessa cena será suprimido e, em off, serão apresentados dados estatísticos sobre registros civis no Brasil; abandono paterno; mães solo.

9.2 EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

- Câmera Canon EOS Rebel T7;

- Câmera Canon 80D;
- Lente Canon 17/50mm 1:2.8
- Lente Canon EF: 50mm 1:1.8;
- Gravador (áudio): Zoom H6;
- Microfone de lapela: Boya BY-M1
- iPhone xr;
- Samsung as21.

9.3 GRAVAÇÕES

Em 2023, decidi gravar tudo de novo, mesmo sabendo que muita coisa havia sido transformada. Nenhuma transformação era tão grande, a ponto de ter mudado a nossa história. Ela seguia a mesma. No começo de junho deste ano, mãe adoeceu mais gravemente e precisou ser internada. Passamos um mês revezando dias e noites no hospital. Mais uma vez nós. Escrevendo agora, penso sobre quem cuida: as mulheres. Mãe faleceu.

É difícil falar desse momento, por razões diversas, mas o menciono aqui, como mais um momento em que estivemos juntas, como sempre. Não havia mais condições de manter as gravações.

Ouvi de Fabiana Moraes e Amanda Mansur algumas vezes, que um filme nunca está de fato terminado. Entendi isso fazendo um filme. Me parece que isso é mais verdadeiro ainda, quando você conta uma história viva. As nossas vidas não pararam pra eu poder gravar. Fomos e voltamos várias vezes e sei que todas as coisas nos trouxeram até aqui.

Em fevereiro de 2024, senti que era a hora de retomar e retomei sem qualquer orçamento para isso. Tentei Leis de Incentivo, mas não consegui aprovar e decidi fazer cinema de guerrilha*, pedindo ajuda a amigos, operando todas as coisas e indo em frente. Meu maior desafio era o de regravar tudo, pelo conteúdo das perguntas e a recente perda de um amor profundo, mas eu fui acolhida, como sempre, e elas aceitaram.

Selma e Vitória (mãe e filha), moram do lado de Telma, então as gravações foram realizadas no mesmo dia. Célia e Roberta, mesmo perto, fiz em momentos separados. Agora eu já tinha entendido como seria personagem e pedi que elas me

entrevistassem, ficando livres pra me fazer as perguntas que desejassem. Assim foi feito.

Figura 13 — Gravações em 2024



Fonte: Conceição (2024).

Após a coleta dos depoimentos das personagens, para representar autoridade sobre o tema, entrevista a vereadora Elaine Cristina, autora do Projeto de Lei que trata sobre a conscientização do abandono paterno. O objetivo era ouvir a vereadora sobre a importância desse debate, com o intuito de apresentar ao público, uma visão que não fosse apenas a da família.

Elaine falou sobre as motivações para a apresentação do projeto e foi nesse momento que eu soube que sua mãe também foi uma Conceição. A fala de Elaine sobre como o abandono paterno reverbera na vida das pessoas, é gancho para a sequência de depoimentos.

9.3.1 Incluindo homens no debate

Figura 14 — Entrevistando a Vereadora Elaine Cristina



Fonte: Conceição (2024).]

Figura 15 — Entrevistando a vereadora Elaine Cristina



Fonte: Conceição (2024).

Durante as gravações e coleta de depoimentos, e também em diálogo com dois amigos que me auxiliaram nas gravações, Márcio e Pedro, senti a necessidade de incluir homens como personagens, considerando que o abandono paterno também traz consequências para as vidas desses homens. Esses depoimentos foram enviados por áudios e na montagem, usamos eles em off, com imagens onde seguro um cartaz com os dizeres: *SEU PAI TE ABANDONOU? QUERO CONVERSAR COM VOCÊ!*

9.4. MONTAGEM / PRODUÇÃO

Como já citado, todas as gravações foram disponibilizadas numa nuvem específica (Google Drive), para todo o material do filme, com o objetivo de facilitar a localização e download, pelo profissional responsável, com total acompanhamento da diretora.

Como metodologia, Pedro Costa, responsável pela montagem, baixou todo o material indicado previamente pela decupagem, bem como todos os áudios gravados separadamente e organizou por pastas, seguindo ordem temporal, da gravação mais recente, para a mais antiga.

Toda a montagem, realizada no Davinci Resolve*, foi acompanhada pela diretora, com atualizações constantes e envios dos cortes para apresentações mais rápidas, durante orientações.

9.5. DESIGN

A identidade visual do documentário Sobrenome Conceição, feita pela designer Lígia Buarque, foi pensada considerando um elemento de elo entre as personagens: a fotografia. Todas as personagens têm nas suas casas, porta-retratos, álbuns, quadros e banners e a vida, em certa medida, foi documentada.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um filme sem incentivo é um grande desafio e eu não poderia deixar de mencionar este, que talvez seja um fator decisivo para várias questões estruturais, no que se refere às gravações e montagem/finalização de *Sobrenome Conceição*, mas não posso dizer que esta tenha sido a minha maior dificuldade.

Fazer um filme sobre uma história viva, envolvendo uma série de acontecimentos inesperados, mas certos, quando se sabe da impermanência das coisas, foi, sem dúvida alguma, meu maior caminho percorrido.

Como contar a história de 7 mulheres *Conceição*, envolvendo abandono paterno sofrido por elas mesmas e por seus filhos? Como eu poderia demonstrar a imensidão dessas mulheres, sem invadir espaços, machucá-las, fazer com elas repetissem sobre coisas que não falavam há muito tempo e que não tinham nunca mencionado?

Eu as vi ficarem cada dia mais fortes e ainda assim, seguirem aprendendo como aceitar cuidados. As vi encerrando ciclos e repetindo: “isso que foi feito comigo, encerra em mim”. As vi fazendo novos planos, seguindo em frente, sendo a história que eu quis contar. Fazer cinema talvez seja isso, mas não tenho certeza. Estou aprendendo sobre isso, da mesma forma que estou aprendendo sobre como contar essa história. Talvez ainda não seja assim, como aí está posto.

Foram 6 anos desde o dia em que fiz aquela pergunta no Facebook, até aqui. Perdemos a nossa matriarca, nos perdemos às vezes. Eu pensei em não submeter mais elas a repetir as perguntas, eu pensei que eu estava errada e com elas, eu segui.

Sobrenome Conceição foi realizado de forma coletiva, contando com amigos me lendo, me ouvindo e trabalhando comigo. Acredito que cinema só se faz assim, inclusive. Só a minha ideia, não faria um filme.

Por fim, este filme não está pronto e acho que nunca vai estar, mas ele vai pro mundo assim mesmo. Estou contando uma história viva e nós, quanto mulheres vivas, vamos nos transformar, logo, essa história também. Aquilo que é agora, não será mais adiante e, se tivermos êxito, a mudança na história depois de nós, acontecerá porque decidimos contar esta.

REFERÊNCIAS

GUEDES CAPUTO, S. **Sobre entrevistas**: teoria, prática e experiências. In: OLIVEIRA, D. Blog do Professor Dennis de Oliveira. Disponível em: https://dennisdeoliveira.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/09/stela_guedes_caputo_-_sobre_entrevistas-1-1.pdf. Acesso em: 29 maio 2024.

IPEA. **Atlas da Violência v.2.7 - Atlas 2023**: População negra. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/280/atlas-2023-populacao-negra>. Acesso em: 02 jul. 2024.

LISBOA, Luana. **Brasil registrou mais de 172,2 mil crianças sem nome do pai em 2023**. ConJur, 02 jan. 2024. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2024-jan-02/brasil-registrou-mais-de-1722-mil-criancas-sem-nome-do-pai-em-2023/>. Acesso em: 02 jan. 2024.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Livro Entrevista - O diálogo possível**. In: LIMEIRA, Emanuel (Org.). Livro Entrevista - O diálogo possível - Cremilda de Araújo Medina. São Paulo: Emanuel Limeira, 2011. Disponível em: https://issuu.com/emanuellimeira/docs/livro_entrevista-o_di_logo_poss_vel__cremilda_de_a. Acesso em: 12 set. 2024.

MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir (Orgs.). **O cinema do real**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2010.

PORTAL DA TRANSPARÊNCIA DO REGISTRO CIVIL. Disponível em: <https://transparencia.registrocivil.org.br/inicio>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BRASIL. **Registro Civil do Brasil**. Disponível em: <https://arpenbrasil.org.br/>. Acesso em: 12 set. 2024.

G1. **Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam os filhos sozinhas**. Bom Dia Brasil, Rio de Janeiro, 12 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/05/12/brasil-tem-mais-de-11-milhoes-de-maes-que-criam-os-filhos-sozinhas.ghtml>. Acesso em: 12 maio 2024.

BÁRBARA CONCEIÇÃO VASCONCELOS

SOBRENOME CONCEIÇÃO:

Processo de realização de um filme-ensaio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovado em: 16/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra . Amanda Mansur Custódio Nogueira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dra . Iomana Rocha de Araújo Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dra . Adelina Pontual Ferreira (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco